SOB O SOL DE BERNANOS

Com palestra hoje e debate amanhã, Editora É inicia a publicação de sete livros do autor francês

Antonio Gonçalves Filho

Apesar de ter morado na cidade mineira de Barbacena por sete anos, de 1938 a 1945, e ser considerado um dos principais autores franceses do século 20, o escritor francês Georges Bernanos (1888-1948) há anos não é publicado no Brasil. A Editora É, ao comemorar dez anos de existência, decidiu corrigir a falha. Está lançando o primeiro livro publicado por Bernanos, *Sob o Sol de Satã* (1926), e comprou os direitos de outros seis romances seus. Para o lançamento da Coleção Bernanos, a editora promove hoje e amanhã, com o apoio do **Estado**, uma palestra e a exibição do filme *Sob o Sol de Satã*, adaptado e dirigido por Maurice Pialat. Hoje, o professor de Literatura Comparada João Cezar de Castro Rocha faz uma palestra sobre o livro. Amanhã, ele participa de um debate após a projeção do filme.

Sob o Sol de Satã é uma das obras fundamentais de Bernanos, mais conhecido como autor de *Diário de um Pároco de Aldeia* (1936) e *Nova História de Mouchette* (1937), ambos transformados em obras-primas nos anos 1960 pelo cineasta francês Robert Bresson (1901-1999). Além desses livros, que serão lançados em maio de 2011, a Editora É comprou um título que nunca foi traduzido no Brasil, *Les Grands Cimetières sous La Lune* (Grandes Cemitérios sob a Lua, 1938) e também sua última obra escrita em Minas, *Monsieur Ouine* (Senhor Ouine), publicada na França em 1946. Outros dois livros formam a coleção: *Um Mauvais Rêve* (*Um Sonho Ruim*, 1950) e *Jeanne Relapse et Sainte* (Relapsa e Santa, 1934).

Esse último é considerado pelos críticos uma das obras mais puras e concisas de Bernanos, tratando da vida de Joana D'Arc, da qual sua mulher era parente distante. Escritor católico, sua obra foi definida por Tristão de Athayde como uma "cruzada espiritual para restaurar o sentido da honra no homem moderno". Bernanos não o faz como um fundamentalista religioso nem dissolve Cristo numa geleia de ideologias – burguesa ou proletária. Era, para usar mais uma vez uma expressão de Athayde, um católico desassombrado, livre e solitário, "que atacava mais seus companheiros de fé que os infiéis". Sua cruzada purificadora contra um mundo dominado pelo tédio e pela indiferença já começa com o confronto com o próprio diabo em *Sob o Sol de Satã*.

SOB O SOL DE SATÃ
Hoje, às 19 h, palestra com João Cezar de Castro Rocha.
Amanhã, às 19 h, debate. Grátis.
Local: É Realizações. Rua França Pinto, 498.

REPRODUÇÃO

Domínio do mal. Gérard Depardieu como Donissan, um padre atormentando que perdeu a fé, no filme baseado em *Sob o Sol de Satã*, que será exibido amanhã

Nele, um padre de aldeia, Donissan, duvida de sua vocação e acaba topando com o próprio Satã numa estrada rural. Bernanos propõe uma nova visão do sagrado para o homem moderno, racional, autônomo, sem crenças, distante da transcendência. Já na primeira parte do livro, a presença do mal atinge a adolescente Mouchette no próprio corpo, obrigando-a a matar um marquês que a engravidou, a seduzir um médico para fazer um aborto e, finalmente, conduzindo a menina ao suicídio. Donissan, o padre, considerado um santo na aldeia, ilustra à perfeição a galeria dos personagens atormentados de Bernanos, que enfrentam a tentação voltando-se contra a própria intensidade corpórea, como se trouxessem atados ao físico a serpente do Paraíso. Para transmutar sua incerteza em crença, Donissan vai ao limite, atingindo o paroxismo ao tentar ressuscitar uma criança morta.

> PERSONAGENS CRIADOS POR ELE SÃO SEUS PRÓPRIOS ALGOZES

O padre, em síntese, é uma espécie de *Monsieur Ouine* antes da existência do mesmo. Já o nome do último grande personagem de Bernanos é uma contradição. Traz o "oui" (sim) e o "non" (não) como um insólito cartão de visitas. A simetria entre o bem e o mal vem estampada nesse romance de oposições que aprofunda as questões de *Sob o Sol de Satã*. Mouchette também é uma variação do mesmo tema. Bernanos retomaria sua trajetória em *Nova História de Mouchette*, além de usar o padre de seu primeiro livro como modelo para escrever *Diário de um Pároco de Aldeia*. Nele, um pároco tímido e alcoólatra é ridicularizado por seus paroquianos, que deixam de frequentar a igreja. Morre tuberculoso, aos 24 anos.

AUTOR VIU SUA PROFISSÃO COMO A DE UM MISSIONÁRIO

Bernanos lia Léon Bloy – figura de destaque no catolicismo francês – nas trincheiras, onde foi ferido mais de uma vez na 1.ª Guerra. Como Bloy, ele também se considerava um missionário da escrita, alguém convocado por um chamado divino para dar seu testemunho de fé num mundo em crise espiritual. E isso incluía, para ele, tanto um ataque violento à ideologia da classe média francesa, feito em *La Grande Peur des Bien-Pensants* (*O Grande Medo dos Bem-Pensantes*, 1931), como um libelo contra a ditadura de Franco em *Les Grandes Cimitières sous La Lune* (1938) – isso apesar de ser identificado como um direitista que apoiava o movimento Action Française e ser simpatizante dos monarquistas, simpatia pela qual pagou com a prisão.

Nascido em Paris, em 1888, e estudante de um colégio jesuíta, Bernanos só não foi padre porque encontrou, aos 29 anos, Jeanne Talbert d'Arc, descendente direta de um irmão da santa guerreira. Com o fim da 1.ª Guerra, passou a trabalhar como corretor de seguros, profissão que exerceu até 1927, escrevendo nas horas vagas seu primeiro livro, *Sob o Sol de Satã*, antes de se dedicar à carreira de ensaísta e provocar seus pares, nos anos 1930, com polêmicos artigos em que pregava a restauração moral e uma espiritualidade baseada em princípios cristãos.

SOB O SOL DE SATÃ.
Editora: É. **Tradutor:** Jorge de Lima. 320 págs. R$ 53

O escritor chegou à América do Sul em 1938 e se estabeleceu em Barbacena, Minas Gerais, onde tentou ser fazendeiro e criador de gado. No exílio, ele ridicularizou o governo colaboracionista de Vichy e, apoiando De Gaulle, foi convidado pelo general para fazer parte de seu governo. Ele voltou, mas não aceitou o convite para ser seu ministro da Educação. Continuou a escrever e a se corresponder com amigos brasileiros, entre os quais se destacam Jorge de Lima (1893-1953), tradutor de *Sob o Sol de Satã*, e Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima, 1893-1983). De volta à França, passou a escrever para jornais, entre eles *Combat*, dirigido por Albert Camus. / **A.G.F.**